

O LIBELO DE SANGUE

AMOSTRA NÃO DESTINADA À VENDA

AMOSTRA - NÃO DESTINADA À VENDA

Davi Vieira

O LIBELO_{DE} SANGUE

giostri

Título Original

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

Copyright , 2026

Reservam-se os direitos desta edição à:
GIOSTRI EDITORA LTDA.

São Paulo - SP - República Federativa do Brasil.

Impresso no Brasil
ISBN: 978-85-516-0000-0
CDD: _____

Elaborado por

Editor Responsável Alex Giostri
Coordenação Editorial Carolina Jorge
Designer Gráfico André Ximene
Revisão final de texto João Pedro Fontoura

1ª Ed. São Paulo: GIOSTRI, 2026

1 - Gênero

1ª Edição
Giostri Editora LTDA



Giostri Editora

Rua São Samuel, 141

Vila Mariana - SP / CEP: 04120-030

Tel.: (11) 2309.4102 / 2729.0201

contato@giostrieditora.com.br

mkt@giostrieditora.com.br

loja.giostrieditora.com.br

Giostri Cultural

@giostrieditora

/giostripodcast



*Para meus pais.
Para a minha esposa.
E para todos que me ajudaram durante esta jornada.*

“A execução teve um significado histórico. Foi uma missão histórico-sagrada.”

“O mundo jamais saberá o que fizemos com eles.”

Yakov Yurovski,

Executor da família Romanov (1878-1938)

*“A meia-noite se aproximava;
Em silêncio repousava a Babilônia.*

...

*Belsazar, no entanto, naquela mesma noite,
Foi morto por seus próprios vassalos.”*

Heinrich Heine,

Poeta alemão (1797–1856)

“Levamos muito a sério a versão de um assassinato ritual. Além disso, para uma parte significativa da comissão da Igreja, não há dúvida de que foi isso que aconteceu.”

“O assassinato do czar e de sua família, que pôs fim definitivo à existência da dinastia Romanov, odiada por seus 300 anos de domínio, foi um assunto muito especial e que carregava um significado ritual e simbólico para muitas pessoas.”

Metropolita Tikhon Shevkunov,

Arcebispo russo e membro do Comitê de Investigação sobre os Romanov (1958-)

NOTA DO AUTOR

A ideia deste romance nasceu de uma conversa despreocupada na internet.

Como leitor interessado pela história dos czares, eu costumava frequentar sites da chamada *russofera*. De todo dia, em um fórum sobre a morte da família Romanov, deparei-me com um depoimento que me chamou a atenção de forma incomum.

Por motivos de confidencialidade, chamarei o autor de Rodion. Ele fazia uma alegação surpreendente: afirmava que seu pai tivera acesso a um conjunto de páginas do diário pessoal de Yakov Yurovski, o homem que comandou a execução da família Romanov. Páginas estas que jamais integraram as edições conhecidas do público. Seriam anotações e reflexões atribuídas a Yurovski, que, se autênticas, lançariam uma nova luz sobre acontecimentos que pareciam encerrados há mais de um século.

O relato foi perturbador o bastante para instigar minha curiosidade e me levar a procurar a pessoa diretamente.

Sem grandes expectativas, fui pego de surpresa quando Rodion respondeu à minha mensagem. A princípio, mostrou-se bastante relutante em fornecer detalhes, mas, depois de muita insistência de minha parte, acabou me contando toda a história do manuscrito. Uma história que, aliás, convenientemente para quem a narrava, não podia ser comprovada. Ainda assim, ele descreveu com convicção e riqueza de detalhes a trajetória que essas páginas teriam percorrido ao longo dos anos e, principalmente, os motivos pelos quais nunca vieram a público.

A partir daquele dia, passei a buscar mais informações sobre a execução da Família Real, principalmente em fontes verificáveis. Foi assim que conheci a história das inscrições enigmáticas nas paredes do porão da Casa Ipatiev: símbolos, números e versos gravados que, até hoje, permanecem cercados de interpretações e mistérios.

Diante disso, comecei a me perguntar: teria a morte da família Romanov motivações além daquelas contadas pela historiografia *mainstream*?

Como sempre me interessaram mais as lacunas entre os fatos do que os fatos em si, decidi transformar essas perguntas em um enredo ficcional, mas que reúne anos de estudo pessoal sobre história, religiões, filosofia e movimentos políticos.

Não escrevi este romance para provar que essas páginas existiram, tampouco para convencer o leitor de sua autenticidade. Escrevi porque, às vezes, a ficção é o único lugar em que uma hipótese pode ser testada até as últimas consequências.

Declaro que os lugares, instituições, personagens históricos, organizações e tradições mencionados ao longo da narrativa existem ou existiram de fato, ainda que pontualmente alterados para fins literários e poéticos. Os acontecimentos aqui descritos, porém, pertencem integralmente ao campo da ficção: datas, diálogos, motivações, conspirações e personagens fictícios foram livremente construídos a serviço da narrativa. Deixo ao leitor a tarefa de descobrir a zona demarcatória entre ambos, quando possível.

Embora inspirada em fatos históricos e em debates reais, esta obra não pretende reconstituir os acontecimentos nem sustentar qualquer tese histórica, política ou religiosa. Toda semelhança entre a ficção e eventos reais deve ser compreendida dentro da liberdade criativa inerente ao romance.

A História fornece o cenário. A imaginação conduz a narrativa.

Aos incomodados, deixo a célebre frase de Salman Rushdie: “*Um livro é uma versão do mundo. Se não te agrada, ignora-a e oferece a tua própria versão*”.

Davi Vieira

Sorocaba, agosto de 2026

PRÓLOGO

*Palácio Ipatiev (também conhecido como Casa do Propósito Especial),
Ecatérinburgo, Rússia
Julho de 1918*

Uma das versões sobre o que aconteceu naquela noite diz o seguinte:

Passava pouco das duas da manhã quando o corredor exalou, pela última vez, aquele cheiro que Nicolau Aleksandrovitch Romanov já aprendera a temer. Cal úmida, madeira envelhecida, ferro oxidado, o perfume particular dos lugares onde a história decide encerrar alguma coisa. Caminhava entre os soldados com a cabeça erguida, ainda que já não restasse majestade alguma em seus passos, apenas o hábito antigo de um homem que passara a vida inteira sendo observado. A luz fraca das lâmpadas deformava as sombras dos guardas ao longo das paredes descascadas, esticando-as em figuras compridas e silenciosas, e cada passo ecoava pelo piso de pedra como o tique-taque de um relógio que ninguém tivera coragem de parar.

Ele não perguntou para onde o levavam. Aprendera, nos últimos meses de cativeiro, que os carcereiros raramente respondiam às perguntas dos homens depostos. E, de qualquer forma, o instinto já lhe oferecera a única resposta possível. Aquele seria o último corredor no qual pisaria em vida.

Atrás dele vinham Alexandra e as quatro filhas, amparando-se umas nas outras como se a proximidade dos corpos pudesse impedir que fossem separadas. A antiga imperatriz apertava o crucifixo contra o peito com tanta força que a corrente lhe marcava a pele do pescoço. Olga mantinha os olhos baixos. Tatiana estudava os soldados um a um, à procura de qualquer fissura de hesitação nos rostos deles. Maria chorava silenciosamente,

como quem já aprendera a economizar até as próprias lágrimas. Anastásia seguia com uma expressão vazia, talvez por não compreender o que estava para acontecer, talvez por compreender bem demais e ter escolhido, ali, se ausentar de si mesma.

Alexei vinha por último, apoiado no braço de um dos guardas. Tinha treze anos, mas a doença lhe roubara havia muito a aparência da idade: estava pálido, respirando com esforço a cada degrau. A hemofilia que definira sua infância inteira, uma sucessão de sustos, sangramentos e longos meses de repouso forçado, fazia dele o herdeiro mais improvável que o Império Russo já produzira. Para o menino que deveria um dia governar a maior nação da Europa, uma simples queda era mais perigosa do que qualquer bala.

Lá fora, a Rússia devorava a si mesma. A guerra civil avançava por cidades e campos, transformando antigas lealdades em crimes e antigos vizinhos em inimigos jurados. Em nome da igualdade, homens haviam derrubado o trono, fechado igrejas, profanado altares e queimado retratos da família imperial nas praças públicas, prometendo erguer um mundo novo, ainda que, até então, só houvessem demonstrado talento para destruir o anterior. Os novos sacerdotes vestiam farda em vez de batina. Os seus evangelhos saíam impressos em panfletos. E os altares que erguiam se sustentavam sobre pólvora, fome e ressentimento acumulado por gerações.

A escadaria terminava num porão estreito, e Nicolau precisou de alguns segundos para compreender o que via ao entrar. A sala tinha paredes grossas de pedra, com uma única lâmpada pendurada no teto e uma janela pequena, quase inteiramente tapada por tábuas pregadas às paredes. No centro, uma cadeira solitária aguardava diante de uma câmera fotográfica montada sobre um tripé. Era o exato lugar onde a família deveria se posicionar.

“Uma fotografia”, pensou Nicolau. A ideia lhe pareceu tão absurda que ficou, por isso mesmo, ainda mais inquieto.

Yakov Yurovski aguardava junto ao equipamento. Tinha o rosto rígido, a barba curta e os olhos de quem havia treinado durante anos para não trair emoção alguma diante de ninguém. Vestia-se com a sobriedade discreta de um funcionário público, e segurava alguns papéis dobrados como quem se prepara para conduzir uma formalidade burocrática qualquer. Todavia, por dentro, sabia que estava prestes a executar uma missão histórica e, de certa

forma, *sagrada*. O homem, criado sob o Talmude e moldado pela Revolução, estava eufórico pelo papel que a História lhe reservara.

Temendo que os nobres depostos ficassem aflitos e quebrassem o clima solene daquele momento, o carrasco tratou de acalmá-los.

— É apenas uma fotografia. Fiquem tranquilos. Tomem seus lugares — anunciou com uma serenidade que produziu, em Nicolau, o efeito exatamente oposto ao pretendido.

De certa forma, não mentia. Não por completo. Realmente, haveria um registro daquele momento, o qual pouquíssimas pessoas teriam a oportunidade de ver.

Os soldados organizaram a família diante da lente. Como Alexei já não conseguia permanecer de pé por muito tempo, Nicolau o acomodou na cadeira central. Alexandra postou-se atrás dele, com as mãos pousadas sobre os ombros do filho, enquanto as filhas se distribuíam ao redor, formando o quadro que ninguém ali sabia ser o último retrato da dinastia.

Yurovski aproximou-se da câmera e tocou o disparador, porém o obturador não clicou. Recuou um passo, abriu o documento dobrado que carregava e começou a ler em voz alta:

— Creio que agora seja meu dever ser mais honesto. Com certeza, vocês não acreditaram na história do retrato de família a esta hora da noite.

Ao mencionar o horário daquele acontecimento, Yurovski lembrou-se rapidamente das razões que o haviam feito ficar acordado até tarde. Tudo poderia ter sido feito mais cedo, com menos solenidade. Para o triunfo da Revolução, corpos cravejados de balas eram suficientes e, quanto mais rápido se livrasse deles, melhor.

Porém, não era esse o verdadeiro motivo do seu ímpeto. O líder supremo, Vladimir Lenin, em nenhum momento tratou deste assunto como prioridade. Para os bolcheviques, em geral, não haveria motivo para matar alguém que, politicamente, já estava morto. Pelo contrário, corria o risco de o assassinato inflamar as massas, uma vez que, mesmo depostos, os Romanov gozavam de grande prestígio na sociedade.

Acabar com a Velha Ordem. Encerrar um ciclo. Reparar o mundo.

Esses eram os pensamentos de Yurovski naquele momento. Aquele assassinato nem de longe era comparável aos tantos outros que havia cometido

para galgar degraus na hierarquia bolchevique. Era um rito, a morte do velho e o nascimento do novo. E, por este motivo, escolhera as horas que antecedem o amanhecer. A transição entre um dia e outro.

Então, com a mesma solenidade e reverência que um sacerdote profere palavras de bênção e de consagração, pronunciou:

— *Nikolai Alexandrovich Romanov*, último representante desta abominável tradição opressora, e demais presentes. Tenho a missão de informá-los que, hoje, foi incumbida a mim essa missão histórica e sagrada. Declaro que todos foram condenados à morte, sem exceção — disse, olhando neste momento para Alexei. — Não por vontade minha ou do Conselho dos Operários, Camponeses e Soldados apenas, mas para que seja executado o *din rodef* emitido contra a Família Romanov em razão dos crimes cometidos contra o povo russo por todos esses séculos e, em especial, em vingança à perseguição injusta fomentada ao longo dos anos contra o *nosso* povo. Está escrito: “Se alguém está perseguindo outro para matá-lo, deve-se salvar a vítima, mesmo que seja necessário matar o perseguidor”. Meus caros, o dia do acerto de contas chegou.

Nicolau então levantou-se, sendo prontamente contido pelos guardas, aflito não pela vida dele, que àquela altura estava mais para uma sobrevivência, mas pela de sua esposa e de seus amados filhos.

— Mate a mim, mas deixe-os viver. Se for para alguém morrer, que seja eu, que, mesmo tendo tentado fazer o melhor pelo povo, carregarei comigo algumas culpas. Eles nada têm a ver com as minhas decisões ou de meus antecessores.

— Ora, Nicolau... — respondeu Yakov, pronunciando com desdém o nome do inimigo, que perdera os pronomes de tratamento reais. — Creio que não entendeu. Hoje teremos uma celebração da qual você sequer é o protagonista.

As palavras pairaram no ar do porão sem que ninguém ousasse respondê-las. Não houve súplica, protesto nem grito. Alexandra apertou os ombros do filho. Olga fechou os olhos. Maria levou a mão à boca. Nicolau permaneceu imóvel, encarando Yurovski com a expressão cansada de um homem que já previra aquela sentença muito antes de escutá-la em voz alta.

Esperavam, a essa altura, que os soldados erguessem as armas. Porém, nenhum deles o fez.

O silêncio se estendeu até adquirir uma qualidade litúrgica, e foi nesse instante que um homem surgiu de um dos cantos do porão, carregando um pequeno estojo de couro escuro. Outro veio logo atrás, trazendo uma bandeja na qual repousavam um cálice de prata, algumas faixas de tecido e uma lâmina estreita, polida o suficiente para capturar o pouco de luz que a lâmpada ainda oferecia.

Nicolau sentiu o estômago se contrair.

— O que significam isto?

Yurovski não respondeu. Já havia dito o que precisava.

O homem do estojo aproximou-se de Alexei, abriu a caixa e retirou uma tira de couro que prendeu logo acima do cotovelo do menino. Alexei tentou puxar o braço, mas o soldado atrás dele o segurou com firmeza. Alexandra avançou por instinto e foi imediatamente contida por dois guardas.

— Não toquem nele! — Gritou.

Nicolau deu um passo à frente. O cano de um revólver encostou-se ao seu peito antes que completasse o segundo. Parou ali, não por medo da própria morte, mas porque compreendeu, com clareza fria, que qualquer movimento seu poderia precipitar algo ainda pior contra o filho.

— Sangue que entra, sangue que sai — disse Yurovski, num tom que já não pertencia ao funcionário sóbrio que todos conheciam. — O sangue é a tinta com a qual a História escreve suas mudanças. Assim como o sangue abandona a ferida para que ela cicatrize, também o homem precisa deixar morrer o que já pereceu. Este corte não rompe apenas a carne: rompe o último vínculo com a Velha Ordem. Que o sangue derramado nesta noite não clame por vingança, mas testemunhe o nascimento de uma Nova Ordem, livre de injustiças e de opressão.

A lâmina brilhou sob a luz amarelada por um instante, e o corte veio pequeno, preciso, aberto na parte interna do antebraço. Alexei soltou um gemido curto. Uma linha escura surgiu sobre a pele e, em poucos segundos, tornou-se um fio contínuo. A hemofilia, que definira a vida inteira do menino, agora trabalhava contra ele de uma forma nova, incapaz de estancar o seu

sofrimento. O sangue escorreu pelo braço até ser recolhido, gota a gota, dentro do cálice.

Quatro pessoas, além da família, permaneciam no cômodo. Eram os únicos que haviam recusado a chance de partir quando ainda era possível. Anna Demidova, camareira da czarina; Ivan Kharitonov, o cozinheiro que por anos alimentara a família; e Alexei Trupp, o laçao, que mantinha postura ereta mesmo diante do cativo. Além destes, e mais próximo do menino, estava o Dr. Eugene Botkin, médico da família há mais de uma década. Em seu olhar, notava-se certa resignação profissional, como se aquele ritual macabro fosse apenas mais uma etapa clínica de uma doença que ele conhecia melhor do que ninguém. Seus olhos, acostumados a anos observando o menino sangrar por qualquer arranhão, agora registravam algo diferente. Não a hemorragia em si, mas o propósito frio com que era colhida. Ele viu a mão que segurava o cálice não tremer, viu a precisão calculada do corte, e compreendeu, com um horror que não conseguiu disfarçar no rosto, que ali não havia mais um paciente a salvar, mas um corpo a ser drenado.

O homem que segurava o recipiente observava cada gota com uma atenção devota. Quando o cálice ficou parcialmente cheio, entregou-o a Yurovski, que o recebeu com as duas mãos, como um sacerdote recebendo o vinho a ser consagrado. Nenhum dos presentes agia com a pressa de quem executava uma família inteira. A sincronia nos gestos, a ordem na disposição dos objetos e a solenidade não pertenciam a um fuzilamento, mas a outra coisa, ainda inominável para Nicolau.

Alexei voltou os olhos para o pai. Nicolau encontrou no seu olhar não apenas medo, mas uma pergunta muda que se atravessou mais fundo do que qualquer bala poderia. Durante anos prometera protegê-lo da doença e dos inimigos da coroa. Ali, naquele porão, diante daqueles homens e daquele cálice, compreendeu que havia falhado em todas as promessas ao mesmo tempo.

Foi então que entendeu: aquilo não era uma execução.

Era um ritual.

Yurovski aproximou-se da parede de pedra, carregando o cálice. Mergulhou dois dedos no sangue do menino e traçou a primeira letra, que, em seguida, se somou a tantas outras para formar a mensagem milenar, surgida

longe dali, porém em contexto semelhante. Os demais homens assistiam em silêncio absoluto, como se qualquer palavra pudesse desfazer o que estava sendo experimentado.

Alexandra começou a rezar em voz baixa. As filhas se aproximaram do irmão, tentando ampará-lo enquanto o sangue continuava a escorrer. Nicolau meditava em seu íntimo qual seria o significado da experiência que estava vivendo. Que não queriam apenas o fim de uma dinastia ou a eliminação de uma ameaça política, disso ele já não tinha dúvida. Se a intenção fosse simplesmente eliminar os Romanov, a Revolução dispunha de métodos bem mais rápidos: balas, facas, correntes, valas. Aqueles homens buscavam algo que precedia a política, o que ela sobreviveria.

Não queriam apenas a morte, mas principalmente o sangue. O sangue real, de um menino que fora concebido para governar um império inteiro e que talvez não vivesse o suficiente sequer para governar o próprio corpo. Era o sangue *necessário*. Necessário para quê, Nicolau jamais saberia dizer ao certo.

Talvez tenha tentado rezar naquele instante. Nenhum registro histórico preservou suas palavras, se é que pronunciara alguma, uma vez que não era ele o alvo, e sim Alexei. Talvez tenha pedido perdão pelos erros do próprio reinado, talvez tenha suplicado, em silêncio, pela vida dos filhos. Ou talvez tenha simplesmente compreendido, com a lucidez estranha que às vezes antecede a morte, que impérios não caem quando seus palácios são invadidos ou seus exércitos derrotados, mas quando os símbolos que os sustentam são arrancados pela raiz e substituídos por outros, carregados de significados novos.

Naquela noite, o símbolo era Alexei. O herdeiro e o menino que sangrava diante deles, na cadeira ao centro do porão, como a peça final de um tabuleiro que ninguém além de Yurovski parecia compreender por completo.

Ele concluiu a última marca e recuou um passo, contemplando a grafia sobre a pedra sem demonstrar satisfação nem repulsa, apenas o reconhecimento silencioso e a satisfação de um trabalho terminado. Em seguida, pronunciou algumas palavras numa língua que Nicolau não reconheceu. Os demais homens responderam em uníssono, tão baixo que as vozes se confundiram com o zumbido elétrico da lâmpada sobre suas cabeças.

Foi Alexandra quem rompeu a cadência daquilo.

— Que Deus os perdoe pelo que fizeram.

Yurovski virou-se lentamente para encará-la.

— Fizemos apenas o que *precisava* ser feito.

A lâmpada oscilou uma vez e a luz enfraqueceu antes de crescer de novo, projetando sobre a parede as sombras alongadas da família ao lado dos escritos feitos com o sangue do próprio filho.

A lâmpada oscilou de novo. Então a luz se apagou de vez.

Na escuridão completa, ouviu-se primeiro a respiração ofegante do menino. Depois o choro contido das mulheres. Por fim, o som metálico e inconfundível de armas sendo preparadas.

O que aconteceu nos minutos seguintes entraria para a história como o massacre da família Romanov.

O que veio antes disso, porém, foi engolido pelo silêncio. O mesmo silêncio que, um século depois, alguém se dispôs finalmente a quebrar.

•
Em um hotel qualquer, de baixo orçamento, em Jerusalém

Tempo presente

Emil Malache despertou com a sensação de que alguém martelava uma estaca por trás dos seus olhos. Permaneceu deitado por um bom tempo, ainda vestido com a camisa da noite anterior, tentando decidir se o gosto metálico na boca vinha do conhaque, do vinho ou da mistura imprudente dos dois. A luz da tarde atravessava as frestas da cortina em faixas claras sobre o carpete, revelando o cenário do desastre: uma garrafa vazia junto à poltrona, dois copos abandonados sobre a mesa, um sapato solitário perto da porta, o outro, intrigantemente, ainda em seu pé.

O celular tocava há algum tempo. Ele o observou sobre o criado-mudo com a mesma hostilidade que reservava a qualquer coisa capaz de exigir algo dele logo ao acordar. Ainda mais depois de uma noite como aquela.

Havia três mensagens não lidas de uma pessoa que, para ele, nunca fora exatamente qualquer uma, e um número bem maior de chamadas perdidas, todas do mesmo contato. Por um instante, achou que tudo aquilo devia estar relacionado ao desastre do dia anterior.

O historiador romeno radicado nos Estados Unidos fora convidado a ministrar uma palestra num simpósio acadêmico. A princípio, não se interessara muito pela ideia. Nunca fora grande apreciador de viagens longas, muito menos de aviões, e naquele momento da vida também não sobravam recursos nem energias para aventuras.

Mas o convite viera de alguém especial demais para recusar.

Yael Ben-Ami.

Conhecera-a num congresso em sua universidade, numa mesa-redonda sobre memória religiosa e nacionalismo contemporâneo. Professora da Universidade

Hebraica de Jerusalém, ela falara logo depois dele e desmontara, em quinze minutos, uma tese à qual outro pesquisador dedicara quinze anos inteiros de pesquisa. Havia inteligência genuína em sua argumentação, mas nenhuma vaidade acadêmica que costumava acompanhá-la. Falava com precisão e escutava com atenção e humildade: duas qualidades que Emil raramente via reunidas na mesma pessoa no meio acadêmico.

Aproximara-se dela ao fim do painel com algum comentário espirituoso que, mais tarde, jamais conseguiu recordar. Yael respondera com um melhor ainda. Naquela mesma noite, tomaram vinho num restaurante – caro o bastante para obrigá-lo a comer de graça no refeitório da universidade por algumas semanas para equilibrar as contas –, discutindo religião, nacionalismo, culpa e os limites morais da própria disciplina de História, até que os funcionários começaram a recolher as mesas ao redor deles. O que se seguiu permanecia entre as poucas lembranças que Emil se recusava a submeter ao próprio cinismo. Uma noite que, dependendo da quantidade de álcool envolvida na reconstrução, ele classificava ora como mágica, ora como algo perigosamente próximo disso. Pela manhã, trocaram as promessas vagas de reencontro que adultos costumam fazer quando já aprenderam a não acreditar nos próprios juramentos e sentimentos.

Ainda assim, continuaram a se escrever. Primeiro com frequência; depois, em intervalos cada vez mais largos, até cessarem. Yael enviava artigos, receitas, comentários irônicos sobre o meio acadêmico israelense, fotografias de Jerusalém em suas múltiplas camadas históricas e, por vezes, fotografias cujo teor é dispensável neste momento. Emil respondia com trechos de livros, queixas sobre Chicago e seu progressismo dormitante, convites que nunca chegavam a se concretizar e também fotografias tão dispensáveis quanto. Aos poucos, a vida real os afastou com a eficiência silenciosa que dispensa qualquer comunicado formal de rompimento.

Até que, poucos dias antes, ela voltara a procurá-lo. A mensagem fora curta:

“Preciso que venha a Jerusalém.”

Ele perguntou o porquê. Yael respondera apenas que um *think tank* estava disposto a pagar uma boa quantia para que ele ministrasse uma conferência sobre o mito do “libelo de sangue”. A passagem chegara no dia seguinte. Emil aceitou antes que o bom senso tivesse qualquer chance de intervir.

Sua consciência sempre fora flexível o bastante para acompanhar o valor exato do pagamento.

Perguntou-se, então como agora, se o dinheiro era mesmo o motivo de estar ali. Talvez não. Talvez a resposta tivesse nome: Yael. O pensamento lhe arrancou um meio sorriso, que desapareceu assim que a dor de cabeça voltou a latejar, lembrando-o de prioridades mais urgentes: as mensagens que ela havia lhe enviado.

O *Instituto Tikun Olam*, patrocinador do evento, oferecera, de quebra, um cachê generoso o suficiente para calar qualquer resistência restante. Emil chegara a se perguntar por que exatamente fora escolhido. Não era, nem de longe, um acadêmico de primeira linha, apesar do endereço acadêmico, e algumas de suas teses já haviam rendido controvérsias – no plural mesmo – ao longo da carreira.

Agora, depois dos acontecimentos do dia anterior, toda esperança de um reencontro mais promissor com Yael e de uma tentativa de construir uma imagem mais sóbria parecia ter ido por água abaixo.

O evento tinha nome ambicioso o bastante para render manchete: “Sangue, Fé e Poder: Colóquio Internacional sobre o Mito do Libelo de Sangue”. Era uma referência direta à velha acusação medieval do uso de um ritual de sangue por parte dos judeus, em geral sangue de crianças. Mito este que serviu por séculos como combustível de propaganda antisemita por toda a Europa.

As duas primeiras palestras haviam seguido exatamente o roteiro esperado: historiadores reconstituindo o verdadeiro significado do sangue dentro da tradição judaica – os primogênitos do Egito, a proibição alimentar de consumi-lo, inviabilizando, portanto, a supracitada acusação, a circuncisão como “sangue da aliança” etc. –, junto a uma análise cuidadosa sobre como cristãos medievais haviam fabricado e alimentado a calúnia ao longo dos séculos.

Então chegara a vez de Emil, que aproveitara boa parte da viagem organizando as próprias anotações com um cuidado que, àquela altura, já parecia distante demais para que acreditasse ter sido dele mesmo. Provavelmente, havia transformado seu medo de voar em hiperfoco na escrita como meio de sublimação.

— Primeiramente, agradeço o convite, o qual, confesso, ainda me surpreendo por ter recebido — disse, olhando rapidamente para os colegas sentados à mesa ao seu lado. — Vejo acadêmicos de outra prateleira aqui comigo. Espero não decepcioná-los. Então, vamos ao que interessa.

Começara citando o julgamento de Trento, em 1475. Um dos casos mais conhecidos de acusação de assassinato ritual, em que a comunidade judaica local fora responsabilizada pela morte do menino Simão durante a Páscoa. Inicialmente cultuado como mártir pelos cristãos locais, fora posteriormente desmentido no século XX, após as reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II, numa tentativa do catolicismo poder sentar-se à mesa e dialogar com as outras denominações.

— O que o consenso historiográfico raramente comenta — continuou Emil, com a voz ganhando o mesmo tom que usava em sala de aula quando queria provocar debate — é que a origem dessa história não nasceu do nada. Pode ter tido, ainda que parcialmente, uma base histórica real por trás.

O murmúrio da plateia se calou de uma vez.

— O assassinato ritual coletivo em si carece de qualquer comprovação séria — prosseguiu, sem perceber ainda o quanto o terreno já cedia sob os próprios pés. — Mas o uso de pequenas quantidades de sangue por parte de praticantes isolados de magia popular dentro de certas comunidades asquenosas é uma outra questão. A cabala prática atribuía ao sangue propriedades quase curativas ou mágicas, como quiserem chamar. Por esse motivo, não se pode excluir que tenham existido episódios pontuais ao longo da história, praticados por indivíduos às margens da própria tradição judaica, e não pela corrente majoritária, para deixar claro.

Foi então que o tempo fechou de vez. Gente se levantando da plateia praticamente ao mesmo tempo, cadeiras arrastando contra o piso. Pelo jeito, os ouvintes não tinham reagido bem às suas provocações.

— Esperem — disse, numa tentativa de apaziguar os ânimos, com as mãos erguidas. — Acho que não me expressei bem. Não estou dizendo que fosse prática recorrente nem generalizada. Só aponte um fator de verossimilhança que talvez explique por que a calúnia surgiu e ganhou o peso que ganhou. Acusações que atravessam séculos raramente nascem do nada.

Foi então que Emil se deu conta de que, quanto mais falava, mais se complicava. Optou então por permanecer em silêncio para observar o desenrolar dos fatos. A cada segundo, mais gente se levantava. Os que ainda estavam presentes permaneciam ali para proferir adjetivos nem um pouco amigáveis: “nazista”, “fascista”, “antissemita”, entre outros menos elogiosos.

Yael decidiu tomar a palavra para controlar os danos, visivelmente constrangida. Era seu papel como moderadora da mesa, embora soubesse que estava tentando desviar o Titanic do iceberg.

— Pessoal, por favor, por favor, fiquem em seus lugares. Acho que há um grande mal-entendido aqui. Conheço o professor muito bem, e tenho certeza de que se expressou mal. Ele, pessoalmente, não é nada parecido com o que estão dizendo. Sejam mais tolerantes com quem pensa, digamos, um pouco diferente.

Em seu íntimo, sabia que seria impossível exigir tolerância para uma pessoa que se atrevera a arranhar a imagem do judaísmo em sua própria casa.

Um dos estudantes na plateia não se deu por satisfeito, erguendo o próprio celular na direção dela.

— Tem certeza? Olha o que a gente achou no *blog* dele.

Em seguida, passou o aparelho para uma colega ao lado, que repassou para os demais presentes naquela fileira.

A tela mostrava uma postagem antiga, de anos atrás, intitulada: “*O segredo que a Igreja Russa nunca descartou*”. Emil escrevendo sobre o martírio da família Romanov, sobre inscrições estranhas encontradas no local da execução e sobre um *suposto* caráter ritual por trás do assassinato.

A lembrança arrancou de Emil uma sensação de ressaca. *O infame blog*.

Na prática, aquilo jamais passara de uma formalidade burocrática. A Universidade de Chicago exigia que todos os professores mantivessem uma página institucional para divulgação das próprias pesquisas, e a maioria cumpria a obrigação com resenhas de livros, comentários de congressos e textos cuidadosamente redigidos para não desagradar absolutamente ninguém.

Emil nunca tivera talento para esse tipo de prudência. Reunira ali, sem esperar audiência alguma, uma pequena sequência de textos sobre episódios pouco discutidos da história europeia, entre eles um artigo que levantava a hipótese de a execução dos Romanov ter assumido contornos ritualísticos —

uma possibilidade rejeitada pela maioria dos historiadores mais renomados, mas intrigante o suficiente na opinião dele para merecer alguma discussão.

O efeito fora quase imediato. Bastaram poucos dias para que alguns estudantes descobrissem a página e comesçassem a compartilhá-la entre si. E o que deveria ser apenas um repositório acadêmico qualquer se transformou, rapidamente, em motivo de reclamações formais. Não demorou para que a direção da universidade o chamasse para uma “conversa”. Lembrava-se perfeitamente do teor da advertência: o blog poderia comprometer a imagem institucional ao tratar de temas controversos sem “o devido contexto”, expressão cujo significado exato Emil jamais conseguira definir. Desconfiava, no fundo, que ninguém ali soubesse dizer com precisão o que aquilo significava.

Saíra daquele dia convencido de que a academia contemporânea desenvolvera um talento extraordinário para evitar perguntas difíceis. “*Essa patrulha do politicamente correto acabou com o mundo*”, pensou. Já repetira a frase tantas vezes ao longo dos anos que ela deixara de soar como indignação genuína e passara a funcionar como simples constatação de rotina, quase um tique verbal.

Apesar do constrangimento, a história produzira um efeito inesperado. Meses depois, uma pequena editora especializada em livros de história menos convencionais entrara em contato. O editor afirmava ter lido os artigos e propunha transformá-los numa obra mais ampla. Bastaria reunir o material, aprofundar a pesquisa e desenvolver os temas que até então apareciam apenas de forma introdutória e superficial.

Mesmo inquirido pelo Conselho Universitário – e para o protesto generalizado dos estudantes mais engajados –, não havia perdido o seu emprego. Questionado, o reitor dissera que o preço da liberdade acadêmica é aceitar que, de tempos em tempos, ideias bizarras também encontrem um lugar à mesa.

Sabendo que naquele auditório ninguém estava mais disposto a ouvir nada, Emil se levantou e saiu sem dizer mais nada. Yael tentou detê-lo, sem sucesso.

Convencido de que aquilo se transformaria, em poucas horas, em mais um escândalo de imprensa acadêmica, e já se perguntando se não fora chamado apenas para servir de contraponto fácil, um alvo para apanhar,

buscou refúgio no único tipo de lugar que ainda sabia frequentar sem pensar: um bar barato que, naquele dia, era do próprio hotel.

Yael me traiu.

Insone desde criança, dependia havia anos de um coquetel de remédios só para dormir mais de três horas seguidas. Remédios estes que, como na noite anterior, o álcool tornava dispensáveis às vezes, ainda que da pior maneira possível.

Pegou o celular para ver o motivo do desassossego. Era Yael, a culpada pela ressaca. Sem querer trocar uma palavra sequer com ela, decidiu abrir por curiosidade as mensagens.

A primeira dele, das duas horas antes:

“Onde você está?”

A segunda, quarenta minutos depois, já em outro tom:

“Emil, responda. Precisamos conversar.”

A última, enviada minutos atrás, sem qualquer ambiguidade:

“É URGENTE! Não fale com ninguém.”

Ciente do furor de sempre da imprensa acadêmica e da patrulha ideológica, Emil concluiu que Yael só queria conter os danos. Ou calá-lo, ou então alinhar um discurso antes que ele falasse com algum repórter e piorasse as coisas para a universidade. Cansado demais e em péssimo estado, ignorou as mensagens.

Deitou-se e dormiu.